Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Imparcial /MA **Class.:** Guajajara

Data: 17/11/92 **Pg.:** 16

Movimento dos Guajajaras foi para denunciar más condições

Brasília — O movimento nosso não foi ato de violência, feito para matar ninguém, foi para todo mundo conhecer nosso problema, o sofrimento nosso. A frase é do índio Genildo Guajajara e foi dirigida ao ministro da Justiça, Maurício Corrêa, na reunião realizada terça-feira (10), que permitiu a liberação dos cerca de 80 reféns mantidos pelos índios na reserva Canabrava-Guajajara, há cerca de 60km de Barra do Corda, no Maranhão.

Os guajajaras se espalham por diversas aldeias, a maior das quais, a Coquinho, onde ficaram os reféns, abriga cerca de 600 deles. A comida é pouca e a água é ruim. Mesmo assim tiveram que dividir o pouco que tinham com os reféns. Mas conseguiram uma vitória: um compromisso assinado por Maurício Corrêa de que uma comissão terá prazo de 30 dias para resolver definitivamente a questão que os aflige, a presença, dentro de sua reserva, de um povoado de brancos, São Pedro dos Cacetes. Ontem, uma comissão com representante da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), da Funai, do Ministério da Justiça e do Conselho de Indigenista Missionário (Cimi) chegou ao local para iniciar a discussão sobre a remoção do povoado de São Pedro dos Cacetes.

O problema da reserva Guajajara existe há mais de 50 anos. Na década de 30, foram iniciados os trabalhos para a demarcação. Depois de definido o espaço que os índios ocupariam, foram necessários quase 40 anos para que a reserva e a demarcação fossem homologadas pela Presidência da República, o que só ocorreu em 1978. Nesse espaço de tempo, brancos chegaram à região e criaram o que seria o pivô da crise: dois povoados, Alto Alegre e São Pedro dos Cacetes.

Embora os guajajaras sejam considerados pacíficos, a aridez da região e seus poucos recursos não permitiram uma convivência calma entre índios e brancos. As crises se seguiram, levando em 1979, o governo federal a decidir retirar os habitantes dos dois povoados. Mas a surpresa dos índios foi grande. O governo federal enviou para o Maranhão cr$ 160 milhões. Destes, cr$ 15 milhões foram gastos para retirar os habitantes de Alto Alegre. O restante seria destinado à transferência do povoado de São Pedro dos Cacetes, mas, até hoje, doze anos passados, não há notícia de onde foi parar esse dinheiro.

Guajajaras sofrem com as péssimas condições de vida nas aldeias

Maurício Corrêa teve a oportunidade de ver a situação de penúria dos guajajaras. Decidido a libertar os reféns, a qualquer custo — chegou a dizer ao presidente da Funai, Sydney Possuelo, que aceitaria até ficar no lugar deles — o ministro foi à aldeia Coquinho, acompanhado do relutante governador Edison Lobão que tentou, por diversas vezes, demovê-lo. Lá, conversou com caciques, mulheres e crianças. E reuniu todos, num galpão, para garantir que o Ministério da Justiça já colocou a questão do índio como prioridade. Os guajajaras puderam ver um primeiro ato do ministro, mostrando sua disposição.

Tropa de Choque — Libertados os reféns, Corrêa viu que o governador Edison Lobão tinha entrado na reserva acompanhado de dois batalhões da Tropa de Choque da PM, com cerca de 60 homens. O ministro, acompanhado por apenas quatro agentes da Polícia Federal, chamou o governador na frente de índios, assessores e jornalistas: Lobão, eu vou ficar aqui plantado até que você saía e retire todos os seus homens daqui. O governador sorriu amarelo, tentou argumentar, mas foi inútil. Cabisbaixo, deu ordens para que a tropa se retirasse e saiu da aldeia. Posteriormente, Maurício criticou asperamente a atitude de Lobão que, para ele, poderia criar uma situação de conflito num momento em que a crise estava superada.